

O PRIMEIRO HINO DO CATHEMERINÓN LIBER

Francisco de Assis Florêncio – UERJ

Resumo: Este trabalho tem os seguintes objetivos: expor a vida e a obra do autor, *Aurelius Clemens Prudentius*; fazer um resumo da obra *Cathemerinón Liber*, “O livro das várias horas do dia”; estudar e traduzir o primeiro hino da referida obra, atentando para a influência das Sagradas Escrituras e dos autores clássicos sobre ele, bem como a sua importância para a confecção do Breviário Romano.

Palavras-chave: Prudêncio: vida e obra.

Aurelius Clemens Prudentius deve ter nascido em um lar cristão, pois em nenhum momento ele fala a respeito de sua conversão. Nasceu na Espanha, provavelmente no ano 348, mas não se sabe ao certo em que cidade, se Saragoça, Tarragona ou Galahorra. Exerceu a função de magistrado com algum sucesso, embora mais tarde tenha deplorado o zelo dedicado à profissão. Ele foi por duas vezes governador provincial, talvez em sua terra natal. Pouco antes de sua morte, Prudêncio renunciou às vaidades do mundo, praticando, segundo alguns comentaristas que se baseiam em passagens do *Cathemerinón*, um rigoroso ascetismo, jejuando até o anoitecer (Cath., 3, 88), e abstendo-se inteiramente de comida animal (ibid., 56). Os poemas cristãos foram escritos durante esse período. Ele coletou-os e escreveu um prefácio, que ele próprio datou de 405. Um pouco antes (talvez em 403), ele tinha ido a Roma, com certeza para fazer algum tipo de apelo ao imperador.

Prudêncio escreveu para glorificar a Deus e também para expiar seus pecados. As suas obras se dividem em três gêneros: lírico, didático e polêmico. As obras líricas formam duas coleções: *Cathemerinón Liber*, “O livro das várias horas do dia” (obra sobre a qual nos debruçaremos neste artigo) e o *Peristephánon Liber*, “Sobre as coroas do martírio”.

Os dois principais poemas didáticos são o *Apotheosis*, “Sobre o dogma da Trindade”, e o *Hamartigenia*, “Sobre a origem do pecado”; há ainda, dentro deste gênero, a *Psychomachia*, que descreve a contenda existente na alma humana entre as virtudes e os vícios, e o *Dittochaeon*, “Alimento duplo”, alusão à dupla divisão da Sagrada Escritura. O seu trabalho mais pessoal, mais polêmico e o único com título em latim é a invectiva *Contra Symmachum* (obra em dois livros).

Cathemerinón Liber

É uma obra que reúne 12 carmes compostos para a santificação das horas do dia (as quais justificam o título do livro) e para certas ocasiões solenes, como o Natal, a Epifania etc. Os seis primeiros hinos desta obra são os que mais se enquadram e se aproximam, ao contrário dos outros seis, das chamadas *Horas Canônicas* atuais. Ei-los: *Hymnus ad galli cantum*, *Hymnus Matutinus*, *Hymnus ante cibum*, *Hymnus post cibum*, *Hymnus ad incensum lucernae*, *Hymnus ante somnum*. Com estes hinos, Prudêncio se tornou um pioneiro na criação de uma literatura cristã, e tem o mérito de ter dado origem a um novo tipo de poesia cristã, o hino literário, a moral alegórica e o que tem sido chamado de balada cristã. Hinos para uso da Igreja já haviam sido escritos por Santo Ambrósio, mas eles diferem, em caráter, das longas e bem elaboradas odes do *Cathemerinón Liber*. Alguns destes hinos foram incluídos no *Breviarium Romanum*, que possui, daquele que é considerado o maior hinógrafo latino, excertos dos seguintes hinos: *Ales diei nuntius*, *Lux ecce surgit aurea*, *Salvete flores martyrum*, *Audit tyrannus anxius*, *O sola magnarum urbium* e *Quicumque Christum quaeritis*; o IX hino, *Corde natus ex Parentis*, está presente no Hinário Luterano. Mas estes hinos não serão entendidos se forem vistos apenas como meros cânticos congregacionais. Eles, na verdade, são odes literárias através das quais a mitologia da ode clássica é substituída pelas narrativas bíblicas. Alguns dão continuidade à tradição litúrgica de Santo Ambrósio e são escritos em dímeters jâmbicos ambrosianos; outros são uma tentativa de incluir os metros horacianos no ofício da poesia lírica cristã. Como explicar esta evolução que operou um certo equilíbrio entre o espírito revolu-

cionário dos primeiros séculos cristãos e um certo retorno ao tradicionalismo da língua e da cultura clássica? Isso se dá, com certeza, porque muitos intelectuais dos séculos IV e V, dentre os quais Prudêncio, formados na tradição da escola clássica, convertem-se ao cristianismo.

Para comprovar o que até aqui foi dito, apresentaremos a tradução e a análise do primeiro hino do *Cathemerinón Liber*:

HYMNUS AD GALLICANTUM

Ales diei nuntius (1)
lucem propinquam praecinit;
nos excitator mentium
iam Christus ad vitam vocat.

“Auferte”, clamat, “lectulos
aegros, soporos, desides;
castique, recti ac sobrii
uigilate, iam sum proximus!”

Post solis ortum fulgidi
serum est cubile spernere, (10)
ni parte noctis addita
tempus labori adieceris.

Vox ista, qua strepunt aues
stantes sub ipso culmine

paulo ante quam lux emicet,
nostri figura est iudicis.

Tectos tenebris horridis
stratisque opertos segnibus
suadet quietem linquere
iam iamque uenturo die, (20)

Ut, cum coruscis flatibus
aurora caelum sparserit,
omnes labore exercitos
confirmet ad spem luminis.

Hic somnus ad tempus datus
est forma mortis perpetis:
peccata, ceu nox horrida,
cogunt iacere ac stertere;

sed uox ab alto culmine
Christi docentis praemonet (30)
adesse iam lucem prope,
ne mens sopori seruiat,

ne somnus usque ad terminos
uitae socordis opprimat

pectus sepultum crimine
et lucis oblitum suae.

Ferunt uagantes daemonas,
laetos tenebris noctium,
gallo canente exterritos
sparsim timere et cedere. (40)

Inuisa nam uicinitas
lucis, salutis, numinis,
rupto tenebrarum situ,
noctis fugat satellites.

Hoc esse signum praescii
norunt repromissae spei,
qua nos soporis liberi
speramus adventum Dei.

Quae vis sit huius alitis,
Salvator ostendit Petro, (50)
ter, antequam gallus canat,
sese negandum praedicans.

Fit namque peccatum prius
quam praeco lucis proximae

inlustret humanum genus
finemque peccandi ferat.

Fleuit negator denique
ex ore prolapsum nefas,
cum mens maneret innocens
animusque servaret fidem. (60)

Nec tale quidquam postea
linguae locutus lubrico est,
cantuque galli cognito
peccare iustus destitit.

Inde est, quod omnes credimus
illo quietis tempore
quo gallus exultans canit,
Christum redisse ex inferis.

Tunc mortis oppressus uigor,
tunc lex subacta est tartari, (70)
tunc uis diei fortior
noctem coegit cedere.

Iam iam quiescant improba,
iam culpa furua obdormiat,

iam noxa letalis suum
perpressa somnum marceat.

Vigil uicissim spiritus,
quodcumque restat temporis
dum meta noctis clauditur,
stans ac laborans excubet. (80)

Iesum ciamus uocibus
flentes, precantes, sobrii;
intenta supplicatio
dormire cor mundum uetat.

Sat conuolutis artibus
sensem profunda obliuio
pressit, grauauit, obruit
uanis uagantem somniis.

Sunt nempe falsa et friuola
quae mundiali gloria (90)
ceu dormientes egimus:
uigilemus, hic est ueritas.

Aurum, uoluptas, gaudium,
opes, honores, prospera,

quaecumque nos inflant mala:
fit mane, nil sunt omnia.

Tu, Christe, somnum dissice,
tu, rumpe noctis uincula,
tu, solue peccatum vetus
nouumque lumen ingere. (100)

Tradução

HINO AO CANTO DO GALO

A ave mensageira do dia anuncia a luz que se aproxima; quanto a nós, Cristo, o que desperta as almas, já nos chama à vida. “Deixai, clama, “os leitos enfermos, doentes e preguiçosos; castos, retos e sóbrios, vigiai, pois eis que já estou próximo!”

Depois que o brilhante sol se levantou; já é tarde para deixar o leito, a menos que se tenha acrescentado parte da noite ao tempo do trabalho.

Esse canto com o qual as aves que estão sob o telhado chilreiam, pouco antes que a luz brilhe, é a imagem do nosso juiz. A nós, envoltos por trevas horrendas e cobertos com colchas preguiçosas, ele nos persuade a abandonar o repouso, pois logo, logo, o dia há de chegar; a fim de que, quando a aurora tiver coberto o céu com seus eflúvios cintilantes, reanime a todos os que estão atormentados pelos sofrimentos, com a esperança da manhã.

Este sono que nos é dado por algum tempo é a imagem da morte eterna: nossos pecados, como uma noite horrenda, forçam-nos a deitar e a dormir; mas, das alturas, a voz de Cristo nos ensina, e nos adverte de que a manhã já está próxima, a fim de que a nossa alma não se entregue

ao sono, e para que o sono não oprima, até ao fim de uma vida indolente, um coração sepultado no erro e esquecido de sua própria luz.

Diz-se que os demônios, que vagam felizes pelas trevas da noite, ao cantar o galo, assustados, temem e se dispersam por todos os lados, porque a aproximação da luz, que lhes é odiosa, da salvação, e da divindade, rompido o estado de trevas, afugenta os satélites da noite. Os conhecedores sabem que este é o sinal da esperança futura, por meio da qual, nós, livres do sono, esperamos o advento de Deus.

Qual seja o valor desta ave, o Salvador mostra a Pedro, prevendo que antes que o galo cantasse, ele o haveria de negar três vezes. Porque o pecado acontece antes que o arauto da luz que se aproxima ilumine a raça humana e ponha fim ao pecar. Enfim, aquele que o negou chorou a iniquidade que lhe escapou da boca, porque a mente permanecera inocente e o espírito mantivera a fé. Em seguida, não proferiu mais nada semelhante, pois por causa do escorrego da língua e tendo reconhecido o canto do galo, sendo ele justo, cessou de pecar.

Daí a razão por que todos nós cremos que Cristo, nessa hora de repouso, na qual o galo, exultante, canta, regressou dos infernos. Nesse instante, o vigor da morte foi diminuído, nesse instante a lei do Tártaro foi vencida, nesse instante a força do dia, mais forte, obrigou a noite a se retirar.

Que logo, logo, as coisas perversas cessem, que logo a culpa tenebrosa adormeça e que logo o pecado mortal sucumba ao seu próprio sono e se enfraqueça. E que, por sua vez, o espírito esteja vigilante e que trabalhe de pé, durante todo o tempo que resta, enquanto se fecha o curso da noite.

Nós, que jejuamos, choramos e suplicamos, invoquemos, com nossas vozes, a Jesus; pois uma súplica fervorosa impede o coração puro de dormir.

Após um longo tempo, estando nossos corpos enrolados, um esquecimento profundo pressionou, oprimiu e aniquilou o nosso pensa-

mento que vagava por entre sonhos vãos.

Há, certamente, os atos falsos e frívolos, os quais, por causa da glória do mundo, praticamos como que a dormir. Vigiemos, eis aí a verdade. O ouro, o prazer, o gozo, os bens, as honras e a prosperidade, todas estas coisas más nos ensoberbecem: faz-se manhã, todas estas coisas nada mais representam.

Afasta tu, ó Cristo, o sono, rompe tu as cadeias da noite, aniquila tu o antigo pecado e traz-nos a nova luz.

Análise e comentários

Este hino, composto, sem dúvida, para ser entoado um pouco antes do nascer do sol, ou seja, à Hora de *Laudes*, primitivamente denominadas de *Matinas*, foi incluído no Breviário Romano, como analisaremos mais tarde, e é, por isso, um dos mais conhecidos desta obra.

Aqui, bem como nos demais hinos, Prudêncio, na qualidade de um autêntico poeta cristão, recorre a várias citações, alusões e imagens bíblicas, como, por exemplo, à figura do galo.

Assim, ao iniciar o hino, o poeta, falando dessa ave, não a apresenta de maneira clara, objetiva, nominativa, mas sim através de um vocábulo vago, impreciso: *Ales*. Deste modo, só através dos determinantes *diei nuntius* e do verbo *praecinit* é que podemos identificá-la. Em paralelo à figura do galo, é-nos apresentada também a pessoa de Cristo, que, assim como essa ave, desperta não apenas os corpos, mas também as mentes e as almas, convocando-as para a vida, isto é, para o labor diário e, como *nuntius*, que tem como correspondente grego a palavra *angelos*, anuncia as boas-novas: o advento de uma nova manhã.

A partir da segunda estrofe, o autor, através do discurso direto, faz uma paráfrase das palavras de Jesus encontradas em São Mateus: “Vigiai, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor” (Mt 24, 4); e também do apóstolo Paulo: “Portanto, não durmamos, a exemplo dos outros; mas sejamos sóbrios” (1 Ts 5, 6). Assim, as palavras de

Cristo, reforçadas pelas do apóstolo, além de convocar os *casti, recti e sobrii* à vigilância, ou seja, para o ofício desta hora, pois o dia se aproxima, também admoesta, — através de uma hipálage, ou seja, atribui a um objeto, *lectulos*, características genuinamente humanas: *aegros, soporos e desides* — aqueles que estão com alguma dificuldade física ou entregues à preguiça a abandonar os leitos, uma vez que ele, Cristo, assim como a manhã, está às portas. Por fim, dois pontos merecem destaque nesta estrofe: a mensagem escatológica, graças à referência clara à segunda vinda de Cristo, coincidindo, aqui, com a chegada da manhã; destacamos, também, a palavra *sobrii* que, no contexto bíblico, serve para designar aquele que se abstém de alimento, *id est*, aqueles que praticam jejum.

Na terceira estrofe o poeta enfatiza a necessidade de os cristãos se levantarem antes do nascer do sol para adorar o Criador e para o trabalho, com exceção apenas daqueles que foram obrigados a continuar, no período noturno, as suas atividades diurnas.

A partir do v. 13, encontramos outra alusão, só que não a um texto bíblico, mas a um texto clássico, como era de costume na literatura cristã pertencente aos séculos IV e V d. C. O verso aqui em destaque se encontra em Vergílio: *Evandrum ex humili tecto lux suscitavit alma/Et matutini volucrum sub culmine cantus* (En., 8, 456), “A benéfica luz do dia e os cantos matutinos das aves aninhadas sob o seu teto chamavam Evandro para fora de sua humilde morada”.

Além disso, o autor já diz claramente que o canto do galo é a imagem de Cristo, na função de juiz, como ele próprio se apresenta em:

Quando o filho do homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros,... (Mt., 25, 31-32)

Convoca (v. 17) os cristãos a abandonarem a preguiça e o sono, fazendo-nos, assim, lembrar os conselhos do rei Salomão: “Anda, preguiçoso, olha a formiga, observa o seu proceder, e torna-te sábio” (Pr.,

6, 6), pois um novo dia logo há de chegar e com ele a esperança de uma vida melhor e mais amena para aqueles que são atormentados por algum tipo de sofrimento. Mas, como diz o profeta Jeremias: “...porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã” (Lm., 3, 22-23), o cristão pode, mesmo em meio às vicissitudes da vida, confiar nas misericórdias diárias que lhe são concedidas pelo seu Senhor. Percebe-se, aqui, graças ao teor escatológico, um liame com a quarta estrofe e, conseqüentemente, com a segunda vinda de Cristo.

Ao iniciar a estrofe seguinte dizendo que o *sono* simboliza a morte eterna, o vate, provavelmente, refere-se ao pecado original, que levou o homem à condição de pecador. Assim como este prova, todos os dias, do sono, um dia, com certeza, experimentará também a morte física; e se, mesmo sabendo disso, o homem não ouvir a voz do mestre, a qual vem do alto, ficará sujeito a uma morte eterna. Por fim, a idéia de pecado como uma noite horrenda e de Cristo como a verdadeira luz, já estava presente no profeta Isaías: “O povo que andava em trevas viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz” (Is., 9, 2).

Mais adiante, no verso 37, o hinógrafo passa a falar a respeito do inimigo das almas dos cristãos: o demônio. Aqui, Prudêncio faz bem, ao se referir a ele, em usar um verbo impessoal, *Ferunt*, que introduz um discurso indireto, pois a afirmação de que eles vagam pelas trevas da noite, como diz o hino, não encontra respaldo bíblico. O que se sabe, na verdade, é que os demônios, como a personificação do pecado, vivem e se encontram em trevas. Na verdade, o que a Bíblia nos informa a respeito deles é que habitam em desertos e nos corpos dos homens e dos animais.

A palavra *soporis* pode ser entendida, como já foi colocado pelo autor, como sinônimo de morte, e a chegada da manhã como o advento de Deus.

Encontramos, na estrofe que se segue, mais uma referência bíblica, só que agora, o poeta resolve narrar a passagem da Bíblia que fala

sobre o instante em que Pedro nega a Jesus, fazendo menção, mais uma vez, à figura do galo, que assim como despertou Pedro do seu estado de pecado, pode, simbolizando a pessoa de Cristo, despertar os cristãos do sono físico e espiritual. São Mateus assim nos relata este episódio: “*Et recordatus est Petrus verbi Iesu quod dixerat priusquam gallus cantet ter me negabis et Egressus foras ploravit amare* (Mt., 26, 75) “E Pedro se lembrou da palavra que Jesus dissera: Antes que o galo cante, três vezes me negarás. Saindo dali, ele chorou amargamente”.

Devemos destacar a diferença existente entre o verbo usado no hino para designar a ação de cantar, *canat*, e o utilizado na passagem bíblica, *cantet*, que por ser iterativo daquele, transmite melhor a idéia de o galo ter cantado mais de uma vez.

Em seguida, a partir do verso de número 65, encontramos uma referência clara ao *Credo*: ...*mortuus, et sepultus: descendit ad inferos; tertia die resurrexit a mortuis*;..., “...morto e sepultado: desceu aos infernos; no terceiro dia ressuscitou dos mortos:...” Como sabemos, o *Credo*, assim como outras orações, são fórmulas presentes na Missa, o que vem a demonstrar que não foram apenas os poetas clássicos e as passagens bíblicas que influenciaram a obra prudenciana e, em consequência, o Breviário Romano, mas também o próprio ritual da Missa, como podemos constatar com a declaração de Dom Cabrol, no Curso de Liturgia Romana:

A Missa foi, por conseguinte, o centro de formação e, em todo o rigor do termo, o núcleo da Liturgia católica. Todos os ofícios do dia e da noite, para guardarem a sua significação litúrgica, devem, portanto, permanecer em estreita conexão com a Missa. (cap. 2, p. 331)

Continuando a análise desta estrofe, podemos verificar que a crença de que Cristo tenha descido ao inferno antes de subir aos céus já se encontrava nos primórdios do cristianismo, tendo como base a primeira epístola do apóstolo Pedro: “...no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão,... o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus,...” (1 Pd 3, 19.22). Fazendo, como de hábito neste hino, oposição entre

dia e noite, e entre luz e trevas, o poeta mostra-nos, através da anáfora Tunc... tunc... tunc..., a importância desse momento para os cristãos, uma vez que nele, a morte e o inferno, que representam a noite e as trevas, foram vencidos pela luz de Cristo, como podemos constatar com a seguinte passagem bíblica: “...Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1 Cor., 15, 55).

Através do emprego da anáfora Iam... iam... iam... iam e do uso do optativo, o hinógrafo, nos vv. 73-76, demonstra a sua pressa e o seu desejo em ver as coisas perversas, a culpa e o pecado mortal, passarem, a fim de que, alheio a elas, o espírito esteja vigilante e de pé à espera do término da madrugada e do raiar do dia.

Ainda nesta estrofe, percebe-se que a expressão *meta noctis* tem o mesmo significado presente em Cícero: ... *in Umbram terrae quae est meta noctis* (Div., 2, 17), “...na sombra da terra que é o limite da noite”, onde a palavra *meta*, limite, por metonímia, passa a significar “o curso” da noite.

O poeta nos apresenta, nos vv. 81-84, mais uma reminiscência bíblica. Desta vez, ele nos remete ao livro do profeta Joel, que, falando em nome do Senhor, assim se dirige ao povo rebelde e idólatra: (...) *Conuertimini ad me in toto corde uestro, in ieiunio et in flectu et in planctu* (2, 12) “(...) Retornai a mim de todo o vosso coração, com jejum, com lágrimas e com lamentação”; podemos perceber a correspondência entre as palavras *flentes* e *flectu*, *precantes* e *planctu*; e, por fim, entre *sobrii* e *ieiuno*. Faz-se necessário destacar aqui o valor de *sobrii*, que etimologicamente significa “pessoas que não estão sob o efeito de bebida alcoólica”, mas que no latim cristão, ao contrário do valor meramente etimológico, passa a ser utilizado para designar tanto as pessoas que se abstêm de bebida alcoólica, quanto para se referir àquelas que se privam do alimento sólido, ou seja, aquelas que praticam jejum com a intenção de dirigirem uma prece mais fervorosa a Cristo e também de se manterem acordadas.

No verso 87, encontramos, através da presença dos verbos *pressit*, *grauauit* e *obruit*, um exemplo de gradação ascendente, pois apesar de eles serem sinônimos, possuem valores semânticos distintos.

A partir da antepenúltima estrofe, o poeta recomenda que fiquemos alerta às concupiscências, aos bens e a tudo que o mundo pode nos oferecer, pois mesmo que estas coisas nos atraiam e nos deixem quase que hipnotizados de admiração e desejo, a manhã, assim como Cristo, logo virá e esses prazeres efêmeros, tal qual a noite, logo desaparecerão.

Conclui, enfim, o hino, fazendo uso de vários verbos no imperativo, o que vem a caracterizar o seu estado de suplicante. Devemos ressaltar, também, a presença anafórica do pronome pessoal *tu*, o qual não era de uso freqüente no latim clássico, mas que aqui tem por objetivo trazer a pessoa de Cristo para o centro das atenções e apresentá-lo como a única luz capaz de dissipar as trevas do pecado.

Analisaremos, agora, o legado deste hino para o Breviário Romano.

O hino da *Feria tertia ad Laudes I* assim se apresenta:

Ales diei nuntius

Lucem propinquam praecinit:

Nos excitator mentium

Iam Christus ad vitam vocat.

Auferte, clamat, lectulos,

Aegro sopore desides: (6)

Castique, recti, ac sobrii

Vigilate, iam sum proximus.

Iesum ciamus vocibus,

Flentes, precantes, sobrii:

Intenta supplicatio

Dormire cor mundum vetat.

Tu, Christe, somnum discute: (13)

Tu rumpe noctis vincula:

Tu solue peccatum vetus,

Nouumque lumen ingere.

Como podemos ver acima, o hino pertencente ao Breviário Romano é quase, com uma ou outra alteração, a cópia fiel de alguns versos do hino de Prudêncio.

A primeira diferença em relação ao *Hymnus ad galli cantum* encontra-se no 6º verso, onde os determinantes *aegros* e *soporos*, que estão no acusativo plural, são substituídos por *aegro* e *sopore*, ablativo singular. Assim, a tradução do Breviário ficaria deste modo: “Deixai, clama, “os leitos preguiçosos quanto à doença e ao sono”.

Outra alteração que merece destaque é a substituição do verbo *dissice* por *discute* (v. 13). Com certeza, este último é mais significativo e está mais de acordo com o contexto em que se acha inserido. O verbo *dissice* é composto do prefixo *dis* e do verbo *secare*, significando, portanto, “cortar em duas partes”; já *discute* é composto do prefixo *dis* e do verbo *quatio*, trazendo, assim, consigo, a idéia de “mandar para longe, separar, dispersar”.

BIBLIOGRAFIA

ABÍBLIA SAGRADA. Sociedade Bíblica do Brasil. 2ª ed. Traduzida para o português por João Ferreira de Almeida. São Paulo, 1993.

- BREVIARIUM ROMANUM - PARS AESTIVA. 12^a ed. Berlin: edita do por Fridericus, 1957.
- CÍCERO. *Antologia*. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 1959.
- COELHO, Dom Antonio. *Curso de liturgia romana*. 3^a ed. Tomo I. Lisboa: Editora Ora & Labora, 1950.
- CONCORDIA. *The Luteran Hymnal*. Saint Louis, 1941.
- ERNOU e MEILLET, A. *Dictionnaire etymologique de langue latine - Histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.
- GAFFIOT, Felix. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Librairie Hachette, 1934.
- JERÔNIMO, São. *Biblia Sacra - Iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Wurttembergische Bibelanstalt, 1969.
- PRUDENCE. *Cathemerinon Liber (Livre d'heures)*. Texte établi et trad. par M. Lavarenne. Paris: Les Belles Lettres, 1972.
- VIRGIL. Volume I. Translated by H. Rushton Fairclough. London: Loeb Classical Library, 1994.